



## O jornalismo no interior durante a *Belle Époque* Paulista<sup>1</sup>

Paula Melani ROCHA<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Universidade Estadual de Campinas/Labjor  
Gabriela ZAUITH<sup>3</sup>  
Universidade Federal de São Carlos

### Resumo

O estudo da história da imprensa no interior do estado de São Paulo entrelaça com a história do desenvolvimento da sociedade capitalista na referida região. Os impressos despontaram nas cidades caipiras no cenário da *Belle Époque* Paulista. O objetivo desta reflexão é traçar um mapeamento da historiografia dos impressos nos municípios que compõem a região administrativa de Ribeirão Preto e as características desta imprensa no contexto histórico do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A metodologia utilizada é pesquisa bibliográfica e documental. O referencial teórico fundamenta-se no materialismo histórico. Os resultados apontam para uma imprensa de caráter opinativo que entra no novo século mais profissional no quesito estrutura das redações com jornalistas atuantes.

### Palavras-chave

Jornalismo; História do jornalismo; *Belle Époque*; jornais; interior do estado de São Paulo.

### I. Apresentação

O jornalismo no interior paulista, mais especificamente na região nordeste do estado, teve como grande aliado para o seu desenvolvimento o modo de produção capitalista. Nos anos anteriores ao fim da escravidão no Brasil despontaram alguns jornais na região, com vida efêmera e de natureza política. A imprensa do interior manifestou um aspecto mais profissional no final do século XIX. Mas não foi algo específico da imprensa e sim de toda emergência do interior, fruto da instalação das ferrovias, das plantações de café, do crescimento relativo da economia, da mão-de-obra imigrante e da tímida industrialização.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pesquisadora-colaboradora do Labjor/UNICAMP. Docente do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e-mail: pmrocha@uepg.br

<sup>3</sup> Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos, email: gabizau@terra.com.br



Esta reflexão analisa a história do jornalismo impresso na região nordeste do estado de São Paulo, sua relação com os determinantes sociais e as transformações tecnológicas durante o período da *Belle Époque* paulista. O corpus da pesquisa compreende a região administrativa de Ribeirão Preto, constituída por 25 municípios, os quais ocupam 3,7% da área do estado. São eles: São Simão, Serra Azul, Serrana, Cravinhos, Jardinópolis, Altinópolis, Sertãozinho, Taquaral, Dumont, Monte Alto, Jaboticabal, Guariba, Pitangueiras, Pontal, Barrinha, Pradópolis, Brodósqui, Luiz Antonio, Santa Rosa do Viterbo, Guatapar, Santa Cruz da Esperança, Santo Antonio da Alegria, Cajuru, Cássia dos Coqueiros e Ribeirão Preto<sup>4</sup>.

O presente estudo faz parte do projeto de pesquisa “O conhecimento no jornalismo” desenvolvido junto ao Labjor/UNICAMP, com apoio da FAPESP, o qual analisa o conhecimento no exercício do jornalismo e na formao dos profissionais, considerando as transformaes históricas, principalmente, a relao da profissão com a sociedade na qual está inserida. O objetivo deste projeto  identificar o conhecimento que embasa o jornalismo e seu mundo de trabalho, na sociedade globalizada. A relevância do entendimento do jornalismo na sua forma mais ampla  uma forma de entender a sociedade global, que tem como característica a sociedade da informao, movida pelos meios de comunicao e pela troca das informaes sejam de âmbito local, nacional ou internacional.

O método adotado na pesquisa  o que possibilita a análise das transformaes históricas, ao conceber o materialismo histórico. Pretende-se identificar a relao entre as transformaes históricas e a constituio da profissão de jornalismo no interior do estado de São Paulo, tendo como cenário o contexto social, econmico, político e cultural, e as inovaes tecnológicas. Para que isto se torne viável, o estudo foi dividido em três etapas: ciclo do café; ciclo da cana-de-aocar e da laranja; e ciclo da indústria sucroalcooleira. Esta reflexão apresenta a primeira etapa, referente ao ciclo do café.

O ciclo do café iniciou em 1840, quando o centro da região era ainda São Simão<sup>5</sup> e estendeu-se até o século XX, tendo uma quebra na produo com a crise de

---

<sup>4</sup> Fonte: SEADE (Fundo Sistema Estadual de Análise de Dados), 2007.

<sup>5</sup> São Simão deixou de ocupar o espaço de centro regional ainda no final do século XIX, quando o crescimento da cidade foi afetado pelas epidemias de febre amarela e varíola, que além de causarem óbitos, causaram a saída dos moradores da cidade e o deslocamento deles para outras localidades dentro da região, principalmente para Ribeirão Preto.



1929. Os fazendeiros que sobreviveram à crise introduziram novas culturas na região: algodão, cana-de-açúcar, cereais e pecuária.

O materialismo histórico não é um método no sentido estrito de procedimentos para pesquisa. Ele se constitui em uma teoria sobre o modo de produção e sobre as relações entre capital e trabalho que permite estudar um período histórico considerando todas as relações sociais que se estabelecem em determinado local e tempo. Cada modo de produção determina as relações de poder na sociedade: entre o Estado e a sociedade civil, entre e dentro das instituições, entre empresários e o estado, entre patrões e empregados. A imprensa, como órgão de comunicação se insere nestas relações de poder, ora a serviço de um grupo, ora a serviço de outro, dependendo das especificidades das circunstâncias, sempre em relação ao modo de produção o que equivale a dizer, aos fundamentos da economia, naquele determinado tempo e lugar. Um modo de produção estabelece uma divisão social e técnica do processo de trabalho. Desta forma, a sociedade se constitui em diferentes grupos com relações determinadas pela sua inserção na divisão social do trabalho. A imprensa faz parte desta divisão na produção de serviços, sendo fundamental a prestação de serviços de informação ao público. Os órgãos de imprensa se dirigem a públicos específicos, de acordo com o perfil e a linha editorial. Por hipótese, admite-se que há uma relação entre cada veículo de imprensa e seu público, determinada socialmente em certo período e lugar, em relações concretas de existência.

A concepção histórica, materialista e dialética procura demonstrar que cada geração transmite uma massa de forças produtivas de capitais e de circunstâncias que são modificadas pela nova geração, mas, por outro lado, lhes dita suas condições de existência e lhe imprime um desenvolvimento determinado, em caráter específico.

O conceito de totalidade implica em uma complexidade em que cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como momento definido em relação a si e em relação aos outros fenômenos. Isto significa que o fenômeno referido (neste caso – o desenvolvimento do jornalismo na região nordeste do Estado de São Paulo) só se ilumina quando referido aos elementos que definem sua própria natureza no seu processo de produção. Os dados, vistos na sua visibilidade imediata e nas suas relações externas tornam-se concretos quando revistos na totalidade histórico-social (CURY, 1985).



Ao adotar uma visão dialética, pretende-se buscar as características históricas do jornalismo em situações concretas, em suas relações com a sociedade na qual se produziram sua constituição, principalmente na singularidade das determinações políticas e econômicas. Definiu-se, assim, como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental para mapear o contexto da *Belle Époque* “Caipira”. Os dados historiográficos dos impressos foram adquiridos no sistema *online* da Fundação Biblioteca Nacional, no Arquivo Municipal de Ribeirão Preto, Arquivos Históricos da UNICAMP, Arquivo Público do Estado de São Paulo e em fontes bibliográficas.

## II. *Belle Époque*: da Europa para o interior paulista

O triunfo da economia capitalista industrial do século XIX propiciou o êxodo rural e uma crescente urbanização nos centros urbanos europeus, principalmente na Inglaterra e França, que, por sua vez, não tinham estrutura adequada para abrigar a população. As condições de moradia eram insalubres, famílias inteiras moravam em um mesmo cômodo, os detritos corriam a céu aberto, as ruas eram estreitas e sem luz natural, surgiram epidemias e mortes. Nesta época, acreditou-se que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente os problemas da humanidade e das cidades super povoadas. Iniciou, assim, o período conhecido como *Belle Époque*.

Segundo Follis (2004), a *Belle Époque* significou a expressão do sucesso da sociedade capitalista, durante o final do século XIX e início do século XX, quando despontaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram as redes de comercialização e incorporaram à dinâmica da economia internacional áreas do globo, até então, isoladas. O marco foi a reforma em Paris implantada pelo barão Georges Eugène Hausmann, entre 1853 e 1860, para acabar com os problemas do crescimento populacional.

(...) as cidades assumiram redobrado valor como *locus* da atividade civilizatória, espaço privilegiado para usufruir o conforto material e contemplar as inovações introduzidas pela modernidade. Para isso, as cidades precisavam renovar suas feições de modo a se mostrarem modernas, progressistas e civilizadas. As cidades modernizadas constituíram então a maior expressão do progresso material e civilizatório de um período que se convencionou chamar de *Belle Époque* (FOLLIS, 2004, p.15).

No final do século XIX, as culturas européias e, em especial, a francesa influenciaram as mudanças da ordem neocolonial em várias cidades brasileiras, entre elas a capital federal, capitais estaduais, cidades portuárias e centros urbanos do interior



paulista onde se concentrava a economia dos produtores de café, o principal produto de exportação na época.

O Brasil tornou-se, em 1840, o maior produtor mundial de café. Na década 1870-1880, o café passou a representar até 56% do valor das exportações. Começou então o período áureo do chamado ciclo do café que durou até 1930; no final do séc. XIX, o café representava 65% do valor das exportações do país, chegando a 70% na década de 1920 (OLAIA, 2009, p. 13).

O período do auge do café cristalizou a *Belle Époque* Paulista, que compreendeu ao período da Primeira República, ou República Velha, de 1889 a 1930. Foi quando o interior do estado de São Paulo viveu seu momento de prosperidade. Até então, a região nordeste do estado possuía pequenas lavouras e criação de gado. A terra roxa, o desenvolvimento ferroviário e a mão de obra dos estrangeiros, grande parte deles imigrantes italianos, atraíram os fazendeiros de café para o interior e seus investimentos. A região floresceu e os coronéis, enriquecidos com a exportação do café, transportavam estilos franceses para o cenário caipira.

À medida que os fazendeiros mudaram-se para os grandes centros, cresceu a tendência em promover melhoramentos urbanos. Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio urbano ganhou novas dimensões, bem como artesanato e manufatura (COSTA, 1994, p.215).

Ribeirão Preto passou a fazer parte do circuito econômico das elites do país durante a *Belle Époque* Paulista. Enquanto em 1874 a população era de 5.552 habitantes, em 1900 passou para 59.195 pessoas, um crescimento muito maior do que o registrado nos outros municípios da região durante este período (OLIVEIRA, 1975). Na primeira década do século XX, além de novos produtores, chegaram mais de 19 mil imigrantes, principalmente italianos.

Em 1922, a população da cidade atingiu 75 mil habitantes, 50 mil (66,66%) na zona rural e 25 mil (33,34%) na zona urbana. Após a crise de 1929, iniciou-se um movimento de êxodo rural. Em 1940, a população da cidade era de 79.783 habitantes, 31.766 (39,82%) na zona rural e 48.017 (60,18%) na zona urbana (SANTOS, 2008).

A fazenda Monte Alegre, localizada a cinco quilômetros de Ribeirão Preto, chegou a produzir um milhão de pés de café Bourbon, nos seus 400 alqueires de extensão. Ela era centro do império do “Rei do Café”, como seu dono Francisco Schmidt ficou conhecido no Brasil, o maior produtor individual de café do país. No



exterior, ele era chamado “The King of Coffe” ou ainda “Le Roi Du Café”. Schmidt era dono de 62 fazendas, com 14 mil empregados distribuídos por 76 mil alqueires de terra, em 17 municípios da região. A fazenda Monte Alegre desde 1883, antes mesmo da eletricidade chegar a Ribeirão Preto, já produzia sua própria energia gerada por dínamo. O Rei do Café contratou a ajuda do construtor francês Edouard Le Maçon para que sua casa ficasse mais confortável (ZAIDAN, 2006).

E não foi apenas Schmidt que importou modelos franceses. Os outros “coronéis do café” também ajudaram a construir a *Belle Époque* Paulista. Investiram em opções de lazer, como espetáculos, teatros e, posteriormente, cinema, para atender desde os trabalhadores mais simples até os fazendeiros e coronéis. Mas foi o próprio Schmidt, como vereador em 1895, o responsável pelo pedido de construção pela iniciativa privada do então segundo maior teatro do país, o Carlos Gomes. A Companhia Ramos de Azevedo de São Paulo inaugurou o teatro na Praça XV de Novembro um ano depois, com a ajuda dos fazendeiros locais. “No roteiro das companhias européias de ópera que se apresentavam pelo mundo, a escala em Ribeirão Preto já era obrigatória. Havia muita diversão também na cidade para os moradores da fazenda” (ZAIDAN, 2006, p. 42). Além do teatro, existia também o Cassino Antarctica e o Eldorado que recebiam cantoras internacionais.

Entretanto, a cidade ficou conhecida pelas “artistas francesas” que eram tratadas como “as amigas dos coronéis”. Ainda no século XIX, chegou a Ribeirão Preto o garçom francês François Cassoulet, que trouxe a noite parisiense para o interior paulista. Era ele quem gerenciava a apresentação dos espetáculos, vindos da França e da Itália, tanto no Eldorado, ou Polytheama Paris Teatro ou ainda *Moulin Rouge* como era conhecido, quanto no teatro Carlos Gomes.

Numa carta que Monteiro Lobato enviou ao amigo Rangel, no mesmo ano, publicada depois em “A Barca de Gleyre”, ele conta que ao percorrer as linhas da Paulista, Mogiana e Sorocaba, ficou impressionado com as cidades que o café mudou da noite para o dia. Fala que em Ribeirão, “a colheita do ano passado foi de 4,5 milhões de arrobas – coisa fabulosa, nunca vista. Um fazendeiro, o Schmidt, colheu, só ele, 900 mil arrobas.” E registra as mudanças de comportamento: “Costume, hábitos, idéias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho São Paulo e da tua Minas. Em Ribeirão dizem que há 800 “mulheres da vida”, todas “estrangeiras e caras”. Ninguém ama ali à nacional. O Moulin Rouge funciona ali há 12 anos e importa champanha e francesas diariamente (ZAIDAN, 2006, p.42).



Não eram apenas as festas que movimentavam a cidade, havia também a necessidade em oferecer prestação de serviços e informação para atender os imigrantes e a população de maneira geral. Um exemplo foi o surgimento da Sociedade de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto, uma entidade que orientava e dava apoio aos italianos. Segundo Santos (2008) o comércio e a indústria começaram a despontar desde o final do século XIX, com a mão de obra assalariada os imigrantes buscavam no comércio produtos que não se encontravam nas suas roças de subsistência, além disto, eles tinham hábitos adquiridos na Europa que precisavam ser atendidos. Propiciou, assim, o processo de circulação da moeda na região. Em 1902, somavam 174 fábricas e, em 1904, totalizavam 320 estabelecimentos comerciais.

Foi nesse cenário que apareceram os jornais. Antes da *Belle Époque* Paulista, dos 25 municípios que formam a Região Administrativa de Ribeirão Preto, apenas há registros da presença de jornais em São Simão e Ribeirão Preto. O primeiro jornal foi o *Tamanduá*, veiculado em 1884, em São Simão. No mesmo ano, surgiu o *Simonense*, mas de vida curta. Segundo Oliveira (1975) há registros de outros dois impressos neste período: *Bagaceiro* e *Sétimo Distrito*, ambos com pouco tempo de vida. Em junho do ano seguinte, foi criado o jornal *Cidade de S. Simão* que deixou de circular em 1899.

Em Ribeirão Preto, até 1886, existiram dois impressos. O primeiro foi *A Lucta*, criado em 1884 alguns meses depois do *Tamanduá*, ele representava a oposição ao governo da época e durou poucas edições; e o segundo foi em 1886, *L'Unione Italiana*, escrito em italiano e destinado aos imigrantes. O jornal dos imigrantes denunciava os maus-tratos que eram muito comuns e os protestos que os colonos realizavam contra os abusos praticados pelos fazendeiros.

A presença dos representantes oficiais e de jornalistas das nações de origem dos imigrantes era um dos poucos obstáculos à prepotência dos fazendeiros e de seus administradores, pois governos nacionais podiam impedir a emigração para o Brasil caso considerassem o país extremamente cruel para com os imigrantes, o que seria uma catástrofe para a economia cafeeira que necessitava cada vez mais de braços para a lavoura (HOLLOWAY 1984 apud JORGE, 2004, p. 142).

Segundo Dornelles (2008) a imprensa local no Brasil surgiu no século XIX com características próprias da imprensa interiorana, decorrentes de iniciativas individuais, interessadas no sucesso econômico do novo negócio e manifestando a pluralidade de identidades que caracterizavam os diversos grupos e sociedades do país.

### III. A *Belle Époque* Paulista e a imprensa no interior



A riqueza fruto do café proporcionou, ainda no século XIX, a instalação da comunicação no interior: primeiro foi a vez do correio, seguido do telégrafo e, depois, o telefone. Durante o período da *Belle Époque*, sete dos 25 municípios da região estudada abrigaram impressos. Além de São Simão e Ribeirão Preto que já tinham jornais antes de 1889, Sertãozinho ainda no século XIX registrou seu primeiro veículo. Cravinhos, Guariba, Jaboticabal e Pitangueiras passaram por esta experiência no início do século XX, mas de forma ainda tímida.

Após 1889, marco de início da *Belle Époque* Paulista, mais precisamente em nove de setembro de 1897, foi criado o jornal *Município de São Simão* que depois de um ano passou a ser o jornal oficial da Câmara, porta voz do Partido Republicano. Um ano depois, em 1898, o Grêmio Operário São Simonense criou o jornal *Operário*, também de vida curta. Em 1900, começou a circular o *Atalaia D'Oeste* e o jornal *Correio de São Simão* que substituiu o espaço deixado pelo então jornal denominado *Cidade de S. Simão*.

O movimento de criação de novos jornais continuou no século XX. Em 1902 surgiu *Comércio de São Simão*. Em 17 de setembro de 1904, o português Manoel Teixeira Mendes fundou o jornal *O Trabalho*, que se tornou o órgão oficial do Partido Republicano, no lugar do já não mais existente *Município de São Simão*. *O Trabalho* só deixou de circular no século XX, em 1990. Em 1911 foi criado *A Cidade*, com o diferencial de ser impresso em papel cor de rosa, e em 1913 deixou de circular. Em 1914 volta o *Município de São Simão* e, no mesmo ano, a paróquia lançou seu veículo semanal, *A Semana*. Em 1919 veiculou a revista *Kodak*, que não manteve um formato fixo, ela alternava ora como jornal e ora como revista. No início do século XX, apareceram também vários jornais editados por jovens e estudantes entre estes se destacaram: *O Estudante* lançado em 26 de abril de 1928 pelos alunos da Escola Normal Livre; o semanário *O Trombeta*, criado em 3 de fevereiro de 1929, por jovens normalistas com o propósito humorístico e literário; e em 1930 nasceram *O Normalista* e *A Tribuna* (OLIVEIRA, 1975).

Os assuntos reportados eram diversos. Temas corriqueiros que interessavam a população local eram sempre noticiados como greve de colonos, fatos relativos à banda da cidade e esporte, como mostra o trecho do jornal *Cidade de S. Simão*, em 22 de novembro de 1896:

(...) as cores verde, amarela, azul e branca são adotadas pelo Grêmio (art. 29). O estandarte terá estas cores e mais um martelo, um fornão e uma brocha, com os





dizeres JESUS e TRABALHO. O dia 1º de maio será respeitado por todos os sócios (art.30) (OLIVEIRA, 1975, p.243).

O caso do lendário Dioguinho<sup>6</sup> e seu bando várias vezes foi manchete nos jornais da região e da capital. Como em 6 de fevereiro de 1898, quando o impresso *Cidade de S. Simão* comentou o retrato de Dioguinho traçado por seus amigos que compunham o júri, no julgamento de um dos seus crimes: “Dioguinho, o tristemente famigerado criminoso, era de estatura mediana, magro, olhos pequenos, vivos e cintilantes, de fisionomia quase simpática, insinuante e inteligente” (OLIVEIRA, 1975, p.264). Outro exemplo é do jornal *O Estado de S. Paulo*, na edição do dia 8 de maio de 1897, noticiou o episódio em que Diogo da Rocha Figueira viu em um dos carros do trem em São Simão uma família conhecida a quem devia favores. Ele solicitou em uma casa próxima que fizessem café e obrigou o Chefe da Estação a não deixar o trem partir enquanto seus amigos tomassem o café (OLIVEIRA, 1975).

As epidemias que abateram a cidade nos séculos XIX e XX, também foram destaques na imprensa. Em 6 de novembro de 1904, o jornal *O Trabalho* noticiou:

Não dispomos de dados estatísticos que nos habilitem a afirmar o número de vítimas que de 1896 para cá, as diversas epidemias tem feito no seio da população. Os menos exagerados calculam-no em cerca de oitocentas.

Se atendermos a que a nossa população urbana jamais excedeu de, aproximadamente de 4.000 vizinhos, mesmo nas épocas de maior animação e concorrência, como em 1895 e princípio de 1896, não poderá deixar de causar profundo espanto esse número; ele representa a 5ª parte, ou talvez ainda mais, da população. Se a um tão elevado algarismo adicionarmos o das pessoas que, receosas de serem sacrificadas, têm procurado outros lugares, teremos a soma das perdas que, por causa do terrível mal amarílico, a população desta cidade tem sofrido.

Ela hoje acha-se reduzida a pouco mais de 2.500 pessoas (OLIVEIRA, 1975, p.176).

No município de Ribeirão Preto, em 1889, Gustavo Franca criou o semanário *O Ribeirão Preto*, de caráter político. O jornal passou por três tentativas de circulação a segunda foi dirigida por Antônio Guimarães. Segundo registro da Fundação Biblioteca Nacional, ele circulou até 1891, mas a periodicidade não era regular. Outro jornal da época a causar repercussão política foi *O Sorriso*. Dois anos depois despontou o jornal *O Repórter*, que foi um marco para os padrões da época.

---

<sup>6</sup> Um bandido caipira que viveu na região neste período e liderava um bando que matava a mando dos coronéis, prática comum nesta época na região (JORGE, 2003).



O jornal *O Repórter*, fundado em 15 de novembro de 1891, inaugurou um padrão de jornalismo adiantado para a época, cercado de profissionais como Juvenal de Sá, Alfredo Sodré e Tito de Sá, auxiliados por Elpídio Gomes e Braz Arruda (JACOB, 2007, p.124).

Juvenal de Sá foi um empreendedor no ramo dos impressos. Em 15 de fevereiro de 1897, ele lançou *O Jornal do Oeste*, no entanto, teve pouco tempo de duração. E em 1º de junho de 1898, ele fundou o primeiro jornal diário da cidade, *O Diário da Manhã*, que em 1906 foi transferido para o comando de Osório Corrêa e, em 1909, foi vendido a Sosthenes Gomes (JACOB, 2007).

Alguns outros jornais surgiram em Ribeirão Preto com a intenção de divulgar os fatos da cidade, mas nenhum conseguiu acompanhar o desenvolvimento econômico e político do município. Como furacões, os periódicos chegavam e em pouco tempo desapareciam (KOMAR, 2002, p.22).

Em 1904, João Moura, funda um jornal homônimo do extinto *O Ribeirão Preto*, mas criticar os donos do poder não era uma prática aceitável para os padrões da cidade e João Moura foi assassinado. Os registros mostram que o jornalista já tinha sido avisado de sua sentença de morte.

O semanário paulistano *Arara* noticiou o caso em 27 de maio de 1905:  
*O assassinio do jornalista João Moura, em Ribeirão Preto, não emocionou, lá para que digamos, a opinião pública nem as autoridades da Capital do Estado. Passou quase despercebido esse ato que, pelas circunstâncias de requintada selvageria de que se revestiu, não tem uma única atenuante em favor dos mandatários, se é que um mandatário pode achar uma desculpa de sua covardia. Analisando os feitos desses régulos caricatos, que são as autoridades policiais do interior do Estado, o infeliz jornalista lavrou sua sentença de morte. Ele fora avisado do risco que corria, exacerbando o temperamento bilioso dos tiranetes, almas bondosas tinham-no prevenido de que não era prudente a crítica, pela ineficácia de corrigisse o criticado. Demais, o jornalista devia saber quais os processos em uso por esse sertão a dentro; quando se trata de criminosos, que andam a monte, há sempre uma bala pronta para os liquidar, numa espera traiçoeira, numa tocaia providencial. Para os outros criminosos, para aqueles que encorrem nas iras dos potentados, há o linchamento. Umás vezes, vão arrancá-los as cadeias pela calada da noite; outras vezes, agarram-nos em pleno dia, regam-nos de querosene e assam-nos na praça pública. Aqui e acolá, porque a variedade o exige, contentam-se em mandar esperar a vítima à esquina de uma rua por quatro valentes caceteiros que o reduzem a uma massa informe. E tal foi o processo por que se desfizeram, em Ribeirão Preto do jornalista João Moura (JORGE, 2004, p.147).*

A Fundação Biblioteca Nacional tem catalogado e micro filmado os seguintes periódicos de Ribeirão Preto no período da *Belle Époque Paulista*: *A Petala*, de 1896, identificado como folha humorística e literária; *A Tagarella*, de 1897, caracterizado



como semanário humorístico, literário e noticioso; e no mesmo ano está registrado *Jornal do Oeste*; em 1898 surgiram dois impressos: *A Tribuna*, representando os interesses republicanos e *A Mocidade*, classificado como periódico humorístico, literário e noticioso; em 1899, foi criado *Lo Scudiscio*; em 1902, foram lançados dois impressos, o diário matutino *Jornal de Notícias* e *O Jornal*; em 1905 chegou às bancas *A Cidade*, atualmente o impresso mais antigo que circula em Ribeirão Preto.

Grande parte dos jornais escondia os maus tratos aos imigrantes cometidos a mando dos coronéis. Os impressos eram porta vozes da elite cafeeira, focavam a farta produção do café e as exportações. Pela posição de destaque na economia nacional que a região ocupava, os coronéis tinham uma aliança forte com o governo nacional, assim eles ficavam acima da lei, em uma posição confortável para mandar e desmandar na região. A edição número um do jornal *A Cidade* veiculada no dia primeiro de janeiro de 1905 informava na capa a linha editorial do veículo e o compromisso com os poderes locais:

*A Cidade* aparece, pois, atendendo as melhores esperanças de servir a causa publica; e conforta nos sobremodo o apoio entusiasta com que foi, geralmente, acolhida, desde logo, a nossa idéia.

Ao lado das classes productora do município, pugnaremos pelo maior desenvolvimento da lavoura, do Commercio e da Industria, fazendo valer os seus direitos e as suas justas pretensões que interessam à sua própria vitalidade convencidos de que trabalharemos, assim, pela conquista da nossa grandeza futura.

(...)Em matéria de crenças religiosas, (...) bateremos pelo respeito a todos os credos moralizadores, guardando, carinhosamente, o thesouro da mais elevada conquista da civilização obtido pelos nossos maiores n'um baptismo de sangue. Em política (...) Ella se empenhara pela verdade da política pratica, collaborando com aquelles que desinteressadamente, no intuito nobilitante de elevar nosso município, dotando-o de melhoramentos materiaes e Moraes a que tem direito, dirigem os seus destinos e tem de promover a sua sábia administração<sup>7</sup>.

Ainda na capa, o jornal trouxe a programação cultural no teatro Carlos Gomes e no Jardim Público; um trecho com as descrições feitas por dois excursionistas pelo norte do país; um balanço dos casamentos, nascimentos e óbitos referente ao ano anterior (1904); uma visita à fazenda Dumont para constatar a boa condição do alojamento que abrigava 120 famílias imigrantes; a solicitação dos moradores de Guataparará sobre a construção de uma via em boas condições ligando a Ribeirão Preto. O jornal se

---

<sup>7</sup> O jornal *A Cidade* disponibilizou na internet, em 31 de janeiro de 2009, uma seleção de 104 capas jornal em comemoração aos 104 anos do veículo, entre as capas está a da primeira edição. Disponível em: [www.jornalacidade.com.br](http://www.jornalacidade.com.br)



comprometeu a publicar uma série de artigos relacionados à necessidade da construção da via, para que os colonos pudessem ir ao emergente centro fazer compras; noticiou a visita da Comissão da Construção da Nova Matriz; agradeceu a nota do *Correio Paulistano* publicada em 28 de dezembro de 1904, a qual anunciava o nascimento do jornal *A Cidade* para o mês seguinte. A capa trouxe também três notas.

*A Cidade* cobria fatos internacionais como o acidente do Titanic, a Primeira Guerra Mundial; acontecimentos políticos e econômicos desde sessões na Câmara e a visita do Rei da Bélgica, passando pelas indústrias que chegaram à região até a crise da Bolsa de Nova Iorque em 1929; eventos culturais, esportivos, relacionados à educação no município e episódios importantes como a enchente que inundou a parte baixa da cidade em 1927. Por um lado, *A Cidade* representava os interesses dos agrupamentos políticos liderado pelo fazendeiro Joaquim da Cunha e, do outro, *O Diário da Manhã* representava os interesses do agrupamento liderado pelo adversário Francisco Schimidt. Como mostra PAZIANI (2005):

Liderada pelos coronéis Francisco Schmidt e Joaquim da Cunha Diniz Junqueira – chefes políticos do município e membros de uma elite endinheirada e *bandeirante*, que não distinguia limites entre o público e o privado ou entre o urbano e o rural – para quem seus interesses privados eram defendidos por um *corpo* de doutores pelos jornais e pela Câmara Municipal (...).

Entretanto, episódios como o crime de Cravinhos envolvendo a abastada família Junqueira não foi digno da imprensa local, só da capital. No dia 22 de maio de 1920, o corpo de um homem foi encontrado na divisa entre Cravinhos e Ribeirão Preto. Ele foi assassinado, as orelhas e a língua foram cortadas e apresentava perfurações nas costas e no crânio. Quatro suspeitos confessaram o crime e foram presos, mas os verdadeiros mandantes, mesmo conhecidos, saíram ilesos devido às relações com o poder político estadual e nacional. O crime foi planejado por uma das maiores fazendeiras da região, Iria Alves Ferreira, e pelo administrador de suas fazendas Alexandre Silva (JORGE, 2004). Os jornais da capital *O Estado de São Paulo*<sup>8</sup> e *O Parafuso* repercutiram o caso e cobravam das autoridades investigação e punição. Na edição de 15 de dezembro de 1920, *O Parafuso* publicou: *Alphonse Defforge foi barbaramente assassinado sob a ordem da 'Rainha do Café; O cônsul francês em São Paulo até agora não deu nenhuma*

---

<sup>8</sup> *O Estado de São Paulo* publicou em 13 de agosto de 1920 o artigo intitulado “O crime de Cravinhos”, repercutindo o caso.



*providência; o Sr. Washington Luís é o único responsável pela impunidade dos bandidos milionários.*<sup>9</sup>

Em Sertãozinho, o primeiro jornal circulou em 1898, *A Gazeta de Sertãozinho*, fundado pelo jornalista Antonio do Prado. Em 1900 ele passou o jornal para o seu irmão Franklin do Prado (FURLAN JUNIOR, 1956).

Esta folha impressa em um pequeno prelo, com grandes sacrifícios surgiu nas plagas sertanezinhas cheia de medo, temendo ser vencida pelas peripécias da vida jornalística, mas guiada pelo seu fundador e seus ativos sucessores, soube enfrentar as dificuldades que surgiram e, revigorada pelas lutas, soube orientar e defender os direitos do povo durante 35 anos (FURLAN JUNIOR, 1956, p.135).

Segundo dados da Fundação Biblioteca Nacional, em 1907, surgiram, em Sertãozinho, *O Imparcial*, sob a orientação de Ernesto de Carvalho, e *A Comarca* por Anselmo Gomes com a bandeira de defender os interesses do povo; em 1909, João Ladeira publicou *A Tribuna*, que um ano depois foi substituído por *O Republicano*; em 1912, Agemiro Siqueira fundou o *Bandeirante* para representar o Partido Republicano Paulista. O município de Pitangueiras sediou dois impressos: em 1907, Nesclar de Carvalho fundou o *Pitangueirense*, com periodicidade semanal, formato ofício, que publicava apenas os atos oficiais foi extinto em 1909; e em 1908, Oscar Fernandes criou *O Trabalho* com periodicidade também semanal. Em Jaboticabal foram: o semanal *O Combate* (1903); e *O Democrata* (1909). Em Cravinhos foi apenas um e surgiu em 1908: *O Tempo: Folha Imparcial*, tablóide, semanal e noticiava apenas atos oficiais. Em Guariba, em 1918 foi fundado o semanal com formato variado *A Gazeta de Guariba* que noticiava os atos oficiais da cidade; por fim, em Brodósqui, em 1910, surgiu *A Cidade* um semanal de formato tablóide classificado para divulgar interesses gerais.

Os impressos só conseguiram se solidificar como negócio no século XX. No século XIX, os periódicos manifestaram-se como iniciativas de apenas um dono, com pouco tempo de vida e periodicidades irregulares.

#### IV. Considerações Finais

Na segunda metade do século XIX, de um lado, o cenário na Europa e nos EUA era da imprensa comercial, vinculada à publicidade e não mais à propaganda, preocupada em atender as necessidades de consumo do público leitor, pois o propósito não era mais influir politicamente. De acordo com Traquina (2005) implantou-se o novo

---

<sup>9</sup> Jornal *O Parafuso*. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



paradigma do jornalismo: o jornalismo informativo. Por outro lado, a imprensa da região administrativa de Ribeirão Preto era opinativa, ligada à propaganda ao defender os interesses e as facções da oligarquia cafeeira. Existiram veículos voltados aos imigrantes e algumas tentativas de reportar os fatos da época, mesmo aqueles que envolviam os “coronéis”, entretanto, estes não sobreviveram.

É inegável que a imprensa regional cobriu os acontecimentos corriqueiros e tragédias da época como enchentes, epidemias, fatos esportivos, culturais, sociais, mas pelo viés da propaganda. O “novo paradigma do jornalismo informativo” só chega à região de Ribeirão Preto durante o período da Guerra Fria, em 1966 e o pioneiro foi o jornal *O Diário* (ARAÚJO e GERALDO, 2006). A imprensa do interior na *Belle Époque* Paulista divulgava notícias fragmentadas ora rezando a cartilha da elite e ora como porta voz dos imigrantes e operários. Era um reflexo do modo capitalista da época áurea do café.

No entanto, jornais como *O Trabalho*, *A Gazeta de Sertãozinho*, *A Cidade* e o *Diário da Manhã* contribuíram para a consolidação da imprensa na região e para o processo de profissionalização do jornalismo nos seguintes aspectos: manter a periodicidade, criar uma redação com mais jornalistas atuando e se estabelecer enquanto negócio. O jornalismo não se despontou na região como um centro de referência da profissão e não se desenvolveu enquanto empresa de comunicação nos moldes da sociedade capitalista. Os poderes econômico e político são muito próximos no interior e a imprensa, de maneira geral, não conseguiu transpor estas duas estacas. É inegável que a imprensa teve seus momentos de respiro e estas oposições caracterizam o movimento dialético que traça a história da imprensa na respectiva região.

### Referências bibliográficas

JORNAL A CIDADE. Ribeirão Preto, em 31 de janeiro de 2009. Disponível em: [www.jornalacidade.com.br](http://www.jornalacidade.com.br). Acesso em 9 de março de 2009.

ARAÚJO, L. C. E. de; GERALDO, S. **Memória do jornalismo impresso de Ribeirão Preto – o início da profissionalização das redações**. 2006. Disponível em: [http://www.unaerp.br/comunicacao/inrevista/edicoes/edicao04/sebastiao\\_eblak.pdf](http://www.unaerp.br/comunicacao/inrevista/edicoes/edicao04/sebastiao_eblak.pdf). Acesso em 26 de maio de 2009.

COSTA, E.V. da. **Da monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CURY, C.R.J. **Educação e contradição**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.



DORNELLES, B. **Imprensa local**. 2008. Disponível em: [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Imprensa\\_Local\\_Beatriz](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Imprensa_Local_Beatriz) Acesso em 15 de março de 2010.

FOLLIS, F. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FURLAN JÚNIOR, A. **Documentário histórico de Sertãozinho: 1896-1956**. Sertãozinho: Estabelecimento Político, 1956.

JACOB, C.B. Jornalismo escrito em Ribeirão Preto: empresas familiares e planejamento sucessório. In **Revista Mattered Primma**. Ribeirão Preto: Ed. Faculdades COC, 2007. Vol.1, Nº.1.

JORGE, J. **O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.51.

KOMAR, Livia M. **Jornal Verdade: reconstruindo a história**. Ribeirão Preto: Unaerp (Monografia), 2002

OLAIA, A. R. **Fazendas históricas de café**. 2009. Disponível em: <http://arara.fr/BBCAFEFAZENDAS.html>. Acesso em 29 de maio de 2009.

OLIVEIRA, F. P. de. **Elementos para a história de São Simão**. São Paulo: Ed. São Paulo, 1975.

PAZIANI, R.R. Outras leituras da cidade: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República. In **Tempo vol.10 no.19 Niterói Jul./Dec. 2005**. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042005000200011&script=sci\\_arttext&tlng=em](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042005000200011&script=sci_arttext&tlng=em) Acesso em 20 de maio de 2010.

ROMANCINI, R. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

SANTOS, J.R.dos. As transformações da riqueza dos cafeicultores em Ribeirão Preto entre 1920 e 1951. Imigração e Ascensão Social em Ribeirão Preto entre o final do século XIX e meados do XX. In **Anais da Sessão de Comunicações – Temas Livres. XII Semana de Geografia e História: Migração e Produção do Espaço Geográfico como Processo Histórico e Cultural**. Ribeirão Preto. Centro Universitário Barão de Mauá. v. 1, n. 1, 2008. ISSN 1234-1234. Disponível em [http://www.baraodemaua.br/evento\\_detalhe.php?evento=221](http://www.baraodemaua.br/evento_detalhe.php?evento=221) Acesso em 3 de março de 2010.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular, 2005. Vol.II.

ZAIDAN, R. **Memórias de Monte Alegre. As histórias do Campus da USP de Ribeirão Preto**. São Paulo, USP/CCS, 2006.